

Electricidade

APRESENTAÇÃO

A bibliografia técnica portuguesa tem sido sempre escassa — ainda quando cotejada no seu valor relativo ao número modesto dos habitantes ou à parcela da população activa dedicada a mesteres industriais. Dessa escassez, triste como chão maninho, emergem dois pontos singulares, exemplos saudáveis de constância a merecer uma palavra de apreço: as revistas dos estudantes das nossas duas escolas de engenharia. Pela perseverança com que sucessivas gerações recebem e transmitem, como dever que não se quer quebrar, a continuidade da obra, se lhes dirige uma lembrança de simpatia.

O alheamento em que longo tempo vivemos, acampados nesta esquina da Península, da maré de renovação industrial que encheu o centro da Europa no século passado, fruto do apego, mais sentimental que razoável, ao exclusivismo agrário que dominou o pensamento económico português até há poucos lustros, explica, por si só, a carência de literatura sobre temas de engenharia. Onde há pouca indústria ou indústria de pouco nível, não há quem escreva nem de que se escreva.

Acresce que, entre nós e com excepções muito raras, os cultores da técnica não mostram empenho de cultivar com igual esmero e zelo o campo das Belas Letras ou, mais humildemente, o campo das Boas Letras, ainda que não sejam Belas. Esta pendente espiritual — melhor se dirá, esta falta de pendente — se não é vício da Escola, que exige perícia nas contas mas aceita como bons textos de bárbara sintaxe, será apenas o resultado da falta de tradição, com seu natural e duradoiro atraso do efeito em relação à causa. Com uma ou outra ori-

gem — quando não com as duas — parece deformação a emendar; ter um pensamento útil, saber expô-lo e fazê-lo sem constrangimento é boa faceta no poliedro da cultura.

A última guerra, pelas dificuldades que nos criou e pelos exemplos que nos trouxe de fora, arejou a economia portuguesa; e algumas ideias de expansão industrial que viviam envergonhadas, por audaciosas, em meio excessivamente conservador, encontraram ambiente favorável, simultâneamente, na aceitação do Estado e na simpatia da Nação. Ocasão oportuna e necessária para melhoria da actividade editorial técnica — esta, por sua vez, oportunidade e estímulo para se dar a saber o que se pensa e estuda. E para que realmente se saiba, melhor é escrevê-lo que dizê-lo.

Desta mutação nasceram até agora as publicações do Laboratório Nacional de Engenharia Civil e o «Boletim de Normalização»; sobretudo as primeiras, pelo seu carácter criador em matéria de Ciência Aplicada, constituíram entre nós alguma coisa de novo e de bom.

Mas abraçando campos restritos, os casos apontados não podem resolver satisfatoriamente o problema português; outros domínios aguardam a sua hora.

*

Quando, em Julho de 1954, uma delegação portuguesa se deslocou ao Brasil para tomar parte na Conferência Mundial da Energia, reunida em Petrópolis, quadro inédito e grande se apresentou aos olhos dos

delegados. Terra quase sem fim, onde só o avião consegue dominar as distâncias; rios caudalosos, cujas possibilidades hidroeléctricas excedem de longe a nossa escala habitual; montanhas onde, por fora, o sol renova expontâneamente a floresta e, por dentro, o minério de ferro se oferece generoso em quantidade e pureza; gente, a roçar pelos 60 milhões, a desenvolver vasto programa de fomento económico, a fervilhar ideais de progresso e grandeza, a falar português e a apregoar alto, até nos discursos oficiais da Conferência, a sua raiz lusitana.

Mas à atenção dos delegados revelou-se também que estes milhões, que sentem como nós, que têm os nossos defeitos e as nossas virtudes, que conhecem e admiram a História e a Literatura de Portugal — que também lhes pertencem — desconhecem o estado da nossa técnica, tão inteiramente como nós desconhecemos o da sua. Não há que recriminar mas que verificar este isolamento, que ambos ganharíamos em romper; nos caminhos do pensamento específicos do último século, o Atlântico mais nos tem separado do que unido.

Haviam-se preparado os Portugueses, à partida, para mostrar aos Brasileiros os progressos da electrificação lusíada, arrumando no canto da mala algumas estatísticas do Repartidor Nacional de Cargas e fotografias das principais obras; iam ufanos de levar mercadoria de bom toque mas suspeitosos de não ser bastante a diversidade do artigo.

Pronto notaram o fundado da suspeita; para satisfazer quanto lhes era pedido, faltava-lhes uma publicação regular, que expusesse com continuidade as dou-

trinas, os estudos e as obras que dão alma e corpo à nossa lida electrificadora.

Deste embaraço — último estímulo a decidir uma aspiração latente — nasceu, no Rio de Janeiro, a ideia de criar uma revista da electricidade portuguesa — que os progressos desta parecia permitirem e a sua divulgação parecia aconselhar. Exposta a ideia em Lisboa às empresas de produção, transporte e distribuição de energia, logo estas a aceitaram sem reservas; e convidados os fabricantes de material a dar a sua colaboração, muitas adesões se registaram. Ao todo, 26 sociedades se reuniram para constituir a EMPRESA EDITORIAL ELECTROTÉCNICA EDEL, LDA., com o objectivo de editar a revista ELECTRICIDADE, de que se oferece ao público interessado este número de apresentação.

A actividade da EDEL, sem fim lucrativo, é um encargo que os seus dirigentes tomam com a finalidade — a bem da Nação — de avolumar a nossa messe bibliográfica e de dar a conhecer a Portugal e ao resto do Mundo — especializando o Brasil — o que vale e como se conduz a indústria eléctrica portuguesa, nos ângulos da sua economia e nos refolhos da sua técnica.

E porque esta revista é uma necessidade portuguesa e, moralmente, uma exigência brasileira, que os Portugueses se sentem obrigados a satisfazer e honrar, só nos seria grato que os Brasileiros quisessem, pela sua colaboração, alargar os limites do nosso programa.

J. Ferreira Dias